



FACULDADE CAL DE ARTE E CULTURA

BACHARELADO EM TEATRO

CAMILLA MALAQUIAS CARNEIRO

***NOVELAS DO DECAMERON: O CONTEXTO HISTÓRICO E A  
VISÃO DA SEXUALIDADE NO RENASCIMENTO***

RIO DE JANEIRO

2016

FACULDADE CAL DE ARTE E CULTURA

BACHARELADO EM TEATRO

CAMILLA MALAQUIAS CARNEIRO

***NOVELAS DO DECAMERON: O CONTEXTO HISTÓRICO E A  
VISÃO DA SEXUALIDADE NO RENASCIMENTO***

Artigo de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Cal de Arte e Cultura como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Especialista em Teatro.

Orientador: Prof. Me. ALVARO LUIS DE SÁ

RIO DE JANEIRO

2016

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Eduardo Vaccari, que foi de extrema importância na minha finalização da faculdade, no qual me introduziu a obra *Decameron* que hoje virou tema da minha monografia e por ser um professor excepcional e um diretor impecável que me proporcionou a melhor peça de formatura que eu poderia ter.

Ao professor Álvaro de Sá que me acompanhou praticamente na maior parte do meu percurso na faculdade, sempre transmitindo sua grande sabedoria da melhor forma possível e que para a minha felicidade foi meu orientador na reta final para a realização da minha monografia, tendo sido imprescindível para que ela fosse realizada com êxito.

Ao professor Fernando Bohrer que foi o meu primeiro professor de interpretação dentro da faculdade Cal e me fez ter verdadeiro encantamento pela arte, sendo assim ele foi um dos grandes motivos para eu estar finalizando hoje o Bacharelado em Artes Cênicas.

À Cal ( Casa das Artes de Laranjeiras) por me proporcionar três anos intensos de muita arte e muito aprendizado com professores mais que qualificados.

*À minha mãe e meu pai, por todo apoio. Minha eterna gratidão.*

*Ao grupo Benditos, grupo teatral formado dentro da faculdade que me fez passar por experiências únicas, nele estão inseridos Pedro Queiroz, Yndara Barbosa, Tássia Leite, Juliana Rolim, Flavia Bittencourt, Rodrigo Viegas e Luana Leal*

*À minha turma BT7 que foi um presente no meu percurso acadêmico.*

*“...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”*

*Manoel de Barros*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa desvendar como um todo a obra *Decameron*, em que contexto histórico ela aconteceu, o que impulsionou o autor *Giovanni Boccaccio* a escrever-la e os motivos dela ter sido realizada do jeito que foi. Essa obra foi um marco histórico e na literatura, por isso a importância de conhecer a fundo o seu contexto e a sua riqueza literária. Também iremos abordar o cineasta que honrou a obra de *Boccaccio*, e realizou com excelência *Decameron* nos cinemas, estamos falando de *Pier Paolo Pasolini*. Um grande nome no cinema que foi conhecido por sua forte opinião a respeito da sociedade consumista e a influência religiosa. Através de seus filmes, demonstra toda sua personalidade e suas críticas.

PALAVRAS CHAVE 1- *BOCCACCIO* 2- *DECAMERON* 3- *PASOLINI* 4- ANÁLISE

## ABSTRACT

This of course work Conclusion aims to unravel as a whole to work *Decameron*, in which historical context it happened, what drove the author *Giovanni Boccaccio* to write her and her motives have been carried out the way it was. This work was a history and literature in March, so the importance of knowing the background its context and its literary wealth. We will also approach the filmmaker who honored the work of *Boccaccio*, *Decameron* and performed with excellence in theaters, we are talking about *Pier Paolo Pasolini*. A big name in cinema that was known for his strong opinion about the consumer society and religious influence. Through his films, he shows all his personality and his criticisms.

KEYWORDS 1- *BOCCACCIO* 2- *DECAMERON* 3- *PASOLINI* 4- ANALYSIS

## **SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO.....p 1**

### **PRIMEIRO CAPÍTULO O declínio da idade média**

1.1. O sistema feudal: Sua estrutura, sua visão sobre o ser humano.....p 2

1.2. A peste negra.....p 4

1.3. A sexualidade, a culpa e o pecado.....p 6

1.4. O prenúncio do renascimento nas letras: O humanismo.....p 10

### **SEGUNDO CAPÍTULO Giovanni Boccaccio – O “príncipe do humanismo”**

2.1 Giovanni Boccaccio: Um breve percurso biográfico.....p 13

2.2 o Decameron:.....p 15

2.3 A estrutura da sua escrituração;.....p 18

2.4 As novelas;.....p 19

2.5 Os personagens;.....p 22

### **TERCEIRO CAPÍTULO Boccaccio versus Pasolini**

3.1 Pasolini – Breve biografia.....p 25

3.2A “Trilogia da Vida”: “O Decameron”; “Os Contos da Cantuária”; “As Flores das Mil e Uma Noites”.....p 27

**CONCLUSÃO.....p 31**

**FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....p 33**



## Introdução

A pesquisa realizada neste Trabalho de Conclusão de Curso visa desvendar como um todo a obra *Decameron*, em que contexto histórico ela aconteceu, o que impulsionou o autor *Giovanni Boccaccio* a escrevê-la e os motivos dela ter sido realizada da forma que foi. Essa obra é um marco histórico e na literatura, por isso a importância de conhecer a fundo o seu contexto e a sua riqueza literária.

No primeiro capítulo iremos submergir na época da realização do livro *Decameron*, a “passagem” da Idade Média para o Renascimento, analisando e vendo a repercussão dos dogmas desta época e o evento fatal que ocorreu: a peste negra. Que foi o motor para a realização da obra que acontece exatamente nesse contexto de morte que a sociedade considerou como “o fim dos tempos”, desencadeando mudanças e crises que transformaram toda uma sociedade.

No segundo capítulo vamos nos aprofundar na obra em si, *Decameron*, percorrendo brevemente pela biografia do autor *Giovanni Boccaccio* e as características do livro que permeou durante os séculos, sendo o marco da passagem para uma nova era, o Renascimento.

No terceiro e último capítulo, iremos abordar o cineasta que honrou a obra de *Boccaccio*, e realizou com excelência *Decameron* nos cinemas, estamos falando de *Pier Paolo Pasolini*. Um grande nome no cinema que foi conhecido por sua forte opinião a respeito da sociedade consumista e a influência religiosa. Através de seus filmes, *Pasolini* demonstrou toda sua personalidade e suas críticas.

## Primeiro Capítulo O Declínio da Idade Média

### 1.1 O sistema feudal: Sua estrutura, sua visão sobre o ser humano

A Idade Média foi um período de mil anos, entre a Antiguidade e a Idade Moderna, ela se constituiu em meio ao caos decorrente da queda do Império Romano. Contudo a situação começou a se estabilizar com a ascensão da Igreja, os povos bárbaros a viram como uma aliada política que poderia reinstalar a estabilidade que necessitavam naquele momento.

Quando a Idade Média começa a se solidificar, as estruturas sociais vão se definindo e juntamente com ela a divisão de trabalho, cada “ordem” daquela sociedade é responsável por sua função designada. Como afirma *Régine Pernoud*: “Às três ordens sociais – nisso muito diferente das <<classes>> sociais da nossa época – representam talvez, mais do que uma hierarquia, uma divisão de trabalho: o senhor tem a tarefa de governar e de proteger o seu domínio, ao qual deve dar o esforço das suas armas e muitas vezes o seu sangue; o clero deve orar e instituir; o camponês e o artesão devem assegurar as necessidades da vida material.” (*PERNOUD*, 1969, 19)

Essa dita divisão de trabalhos era considerada uma escolha divina, além do homem, por esse motivo a estrutura era estática e não dinâmica, ou seja, você nasce e morre na mesma posição social, de acordo com *Johan Huizinga*: “O que, no pensamento medieval, estabelecia a unidade nestes tão diferentes significados da palavra era a convicção de que cada um destes grupos representava uma instituição divina, um elemento do organismo da criação emanando da vontade de Deus, constituindo uma entidade real, e sendo, no fundo, tão venerável como a hierarquia angélica.” (*HUIZINGA*, 1985, 42)

*Johan Huizinga* rediz um trecho dito por *Chastellain*, o historiógrafo dos duques de Borgonha: “Deus, diz ele, criou as pessoas vulgares para lavrar a terra e procurar, graças ao comércio, as comodidades necessárias à vida; criou o clero para os trabalhos da religião; os nobres para cultivarem a virtude e manterem a justiça, de forma que as ações e a moral destas distintas pessoas sejam um modelo para as outras.” (*HUIZINGA*, 1985, 55)

Com essas designações de superioridade social inalteráveis, o acesso a instrução e cultura também seguiam o mesmo percurso, apenas para um grupo escasso, principalmente o clero e esses decidiam se deveria ser compartilhado, como observa Regina Navarro:

A população era provada de instrução; praticamente só os membros do clero sabiam ler e escrever. Dessa forma, eles consideravam seu dever explicar a história, buscando detectar nela os sinais de Deus. (...) As manifestações sociais mais ostensivas assim como as manifestações do corpo, são amplamente reprimidas. O esporte desaparece na Idade Média. A prática antiga não existe mais: estágios, circos e ginásios desaparecem, vítimas da ideologia anticorporal. (...) Desaparece também o teatro, herdado dos gregos e dos romanos. Proibido como pagão e blasfemo, renasce em princípio nos conventos e nas igrejas, em torno de temas religiosos. (NAVARRO, 2012, 176)

Porém nessa estrutura que até então já desempenhava seus papéis de maneira metódica, sempre com uma amplitude geral, desprezando o individualismo tem sua organização abalada com a chegada de um novo suporte social, a chamada “burguesia”.

O surgimento da burguesia vai mudando aos poucos todo um olhar daquela sociedade que até então não valorizava o dinheiro, só consumia o necessário para poder viver e tinha como bem mais valioso a terra, como confirma *Régine Pernoud*:

O dinheiro desempenha, de resto, nesta sociedade um papel secundário e insignificante: é em gêneros que se pagam os serviços prestados e é comum ver o suserano oferecer aos seus vassallos nobres um manto como presente. Ninguém tem oportunidade de entesourar, porque o servo não tem a propriedade plena dos bens que adquiriu o senhor, pelo seu estado tem mesa franca e faz uma larga despesa, e a Igreja mantém instituições de caridade e de ensino. Os bens móveis são restritos e a terra, única fortuna válida, é de um modo geral inalienável. (PERNOUD, 1969, 18, 19)

O olhar burguês vai contra aquela estruturação e ideologia, porém como precisa do apoio daquela sociedade para se firmar, começam de baixo até submergir, de acordo com *Régine Pernoud*:

Nesta sociedade, o mercador é o único que, em vez de viver do produto do seu trabalho, vive da troca de bens que não produziu, e a sua existência é a única que não concebe sem manuseio de dinheiro e sem a idéia de lucro. Aqui

reside uma faceta nova que não deixará de o tornar suspeito, designadamente aos olhos da Igreja, que experimenta pelo comércio uma verdadeira repulsa, e no seio da qual certas ordens proibiam expressamente a revenda de um objecto mais caro do que o seu preço de custo. (*PERNOUD*, 1969, 22, 23)

## 1.2 Peste Negra

A crueldade do céu, e talvez a dos homens, foi tão rigorosa, a epidemia grassou de março a julho [1348] com tanta violência, uma multidão de doentes foi tão mal socorrida, ou até, em razão do medo que inspirava às pessoas saudáveis, abandonada em tal privação, que se tem alguma segura razão de estimar em mais de 100 mil o número de homens que perdeu a vida no recinto da cidade. Antes do sinistro, não se imaginava talvez que nossa cidade contasse tal quantidade deles. Quantos grandes palácios, quantas belas casas, quantas moradias, outrora repletos de criados, de senhores e damas, viram afinal desaparecer até seu mais humilde servidor! Quantas ilustres famílias, quantos imponentes domínios, quantas fortunas reputadas ficaram privadas de herdeiros legítimos! Quantos valorosos senhores, belas damas e graciosos rapazinhos, aos quais não só o corpo médico, mas Galeano, Hipócrates e até Esculápio teriam conferido um certificado de robusta saúde, tomaram a refeição da manhã com seus parentes, seus camaradas e seus amigos e, chegada a noite, sentaram-se no outro mundo à ceia de seus ancestrais. (*BOCCACCIO*, apud *DELUMEAU*, 2009, 156-157)

Podemos observar nessa declaração de Boccaccio como aquela sociedade medieval ficou desestabilizada com a proximidade da morte e como ela não respeitou as ordens sociais e atacou a todos indiscriminadamente.

A Peste Negra eclodiu na segunda metade do século XIV causando uma pandemia que resultou em 25 milhões de pessoas mortas.

Teve origem na Ásia e chegou até a Europa através das caravanas de comércio que vinham através do Mar Mediterrâneo. Ficou conhecida como a peste mais tenebrosa que assolou a Europa, a mais letal dizimando um terço da população.

A doença em questão foi intitulada de ‘negra’ devido ao aspecto que ficavam as vítimas dela, provocando grandes manchas negras na pele. Acometiam-se também

grandes inchaços em áreas de grande concentração de glândulas do sistema linfático, como virilha e axilas, tal inchaços também eram conhecidos como Bubões, por isso também foi denominada como Peste Bubônica.

Essa pandemia aconteceu no período da Baixa Idade Média, época na qual a higiene era bem precária, as cidades medievais eram lugares amontoados de gente com esgotos a céu aberto, o banho era considerado não saudável quando tomado em excesso e, esse excesso significava tomar banho duas ou três vezes por ano no máximo. Devido à raridade e o custo do sabão, as roupas eram lavadas duas ou três vezes por ano, virando foco de pulgas, piolhos, traças e percevejos. As casas eram empesteadas de ninhos de ratos que viviam atrás de restos de comidas.

A medicina da época não era um fator positivo, pois obtinha muito pouco conhecimento, limitava-se ao isolamento e quarentena, atribuía tudo a influencia dos astros e normalmente os médicos mais famosos também eram astrólogos. Como observa *Boccaccio*: ‘‘Para tratar tais enfermidades não pareciam ter préstimos nem proveito a sabedoria dos médicos e as virtudes da medicina: ao contrário, seja porque a natureza do mal não admitisse tratamento, seja porque a ignorância dos que o tratavam (cujo número era enorme, havendo, além dos cientistas, também mulheres e homens que jamais haviam feito estudo algum de medicina).’’ (*BENEDETTI*, 2013, 28)

A peste foi considerada como o fim dos tempos, conseqüentemente acarretou muitas mudanças em todos os tipos de aspectos, comportamentais, econômicas e ideológicos. As pessoas tiveram suas vidas afetadas tanto pelo terror da morte como também pela descoberta da sublimidade da vida diante da dúvida do amanhã.

A pandemia foi tão brusca que as pessoas buscavam respostas para o que estava acontecendo, se seria o anticristo ou o fim do mundo. *Boccaccio* afirma: ‘‘Que a peste tenha sido obra das influências astrais ou o resultado de nossas iniquidades, e que Deus, em sua justa cólera, a tenha precipitado sobre os o homens como punição de nossos crimes, fato é que se manifestara, alguns anos antes, nos países do Oriente’’(*BOCCACCIO*, apud, *DELUMEAU*, 2009, 203)

As pessoas reagiram de duas formas, umas se tornaram cada vez mais devotas direcionando súplicas à Deus e outras levaram ao ‘‘pé da letra’’ o termo *carpe dien* e usufruíram ao máximo os prazeres do momento presente, como observa *Boccaccio*: ‘‘É em vão que organizam, não uma vez, mas

várias, humildes preces públicas e procissões, e outras súplicas foram dirigidas a Deus por pessoas devotas; quase no início da primavera do dito ano de maneira prodigiosa. ”(MINOIS, 2003, 243) A outra parte da população opta pelo riso: “Eles afirmam que beber muito, usufruir, ir de um lado para o outro cantando e se satisfazendo de todas as formas, segundo seu apetite, e rir e zombar do que pudessem rir era o remédio mais certo pra tão grande mal.”(MINOIS, 2003, 243)

É desta segunda maneira que o grupo de jovens, mulheres e homens que compõe a trama da obra *Decameron* optam, passam o tempo contando histórias engraçadas enquanto se isolam para não serem contaminados.

A partir desse desespero da finitude da vida, ficam cada vez mais comum as sátiras e o deboche com o sagrado, como confirma *Georges Minois*: “O sagrado não é poupado. Ao contrário, há um prazer maligno, como nas fábulas, em rir dos monges dissolutos, em ridicularizar crenças populares.. ”(MINOIS, 2003, 243)

Aquela sociedade medieval tornava-se cada vez mais descrente de toda concepção religiosa que se regia a vida na Idade Média, usavam como escapatória o riso, mas era um riso de medo, de acordo com *Georges Minois*: “Não é mais o riso lúdico dos séculos XII e XIII: é um riso desabrido, cacofônico, contestatório, amargo, infernal – o riso dos alegres esqueletos da dança macabra. Não se ri mais para brincar, mas para não chorar, e os ecos desse riso estão á altura dos medos experimentados. ”(MINOIS, 2003, 242) A incerteza se chegaria com vida ao final do dia, foi um fator fundamental para instabilidade gerada naquele período. *Jean Delumeau* afirma a esse respeito “Quando a morte é assim desmascarada, “indecente”, dessacralizada, a esse ponto coletiva, anônima e repulsiva, toda a população corre o riso do desespero ou da loucura, sendo subitamente privada das liturgias seculares que até ali lhe conferiam nas provações dignidade, segurança e identidade. ”(DELUMEAU, 2009, 181)

### 1.3 A sexualidade: culpa e pecado

A questão sexual e o ímpeto da espontaneidade foram banidos quando se instaurou a Idade Média, a vida começou a ser conduzida por um pensamento religioso rígido, com uma tendência a reduzir as coisas a um tipo geral, desprezando o individualismo. Regina Navarro reflete sobre essa questão: “Mulher diabolizada; desejo sexual reprimido; trabalho manual depreciado; homossexualidade banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras e maquiagem condenadas; luxúria e gula associadas... O corpo é considerado a

prisão e o veneno da alma. O culto do corpo praticado na Antiguidade cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social. ”  
(NAVARRO, 2012, 179)

Os Cristãos dissociaram o amor, separando-o do sexo – sendo o primeiro assunto de Deus, e o segundo, do Diabo. O amor na Idade Média deveria ser unicamente dirigido a Deus. Fora isso, o termo amor nunca era empregado num sentido positivo. O que chamamos de amor foi totalmente ignorado, e era sempre visto como paixão sexual irracional, selvagem, destrutiva. Nunca o amor se aplica ao casamento. Para designar o sentimento amoroso conjugal, o papa Inocêncio I (411-417) chamou-o de *charitasconjugalis*, pois se trata de graça conjugal e, ao mesmo tempo uma mistura de ternura e amizade. (NAVARRO, 2012, 177)

Como observamos no texto da autora Regina Navarro, a visão do relacionamento homem e mulher, o matrimônio na Idade Média se diferencia bastante da nossa visão contemporânea sobre o assunto. Apesar dessa visão de extrema rigidez sobre a relação sexual, ela ainda consegue deixar certas “cicatrizes” nos tempos de hoje. *Foucault* fala sobre essa mudança comportamental com chegada da doutrina cristã:

... Nessa situação estritamente monogâmica, o homem se verá proibido de ir buscar qualquer outra forma de prazer que seja, fora daquele que deve ter com sua esposa legítima; e esse mesmo prazer colocará um número considerável de problemas, já que o objetivo das relações sexuais não deve estar na volúpia mas na procriação; em torno dessa temática central, toda uma interrogação muito estrita se desenvolverá a propósito do estatuto dos prazeres na relação conjugal. Nesse caso, a problematização não nasce da estrutura poligâmica mas da obrigação monogâmica; e ela não procura ligar a qualidade da relação conjugal à intensidade do prazer e à diversidade dos parceiros, mas, ao contrário, dissociar, tanto quanto possível, a constância de uma relação conjugal única da busca do prazer. (FOUCAULT, 1984, 130)

Nos tempos da Idade Média as mulheres se mantinham puras até o casamento, se a opção fosse o matrimônio. No entanto o melhor meio era seguir os passos de Maria, conservar-se virgem e fazer-se esposa de Cristo, seguindo a vida religiosa. Como observa a Regina Navarro: As mulheres deveriam amar rejeitando o casamento e unindo-se a Deus. Este, sim, seria o verdadeiro casamento. Os homens deveriam mortificar-se e recolher-se para o exercício desse amor em busca de uma graça. Uma erótica dessexualizada, que implicava a recusa da carne (NAVARRO, 2012, 177)

Em caso de matrimônio, as relações sexuais deveriam acontecer única e exclusivamente para procriação, ou seja, não existia prazer. Caso a mulher não tivesse êxito em conseguir um herdeiro ela poderia ser devolvida para família pelo marido. *Foucault* analisa o papel feminino na época:

Por um lado, as mulheres, enquanto esposas, são de fato circunscritas por seu status jurídico e social; toda a atividade sexual deve se situar no interior da relação conjugal e seu marido deve ser o parceiro exclusivo. Elas se encontram sob seu poder; é a ele que devem dar filhos que serão herdeiros e cidadãos. Em caso de adultério, as sanções tomadas são de ordem privada como também pública (uma mulher acusada de adultério não possui mais direito de aparecer nas cerimônias de culto público); (*FOUCAULT*, 1984, 131)

A beleza feminina era um sinal de luxúria, tentação e pecado, tais sentimentos que os homens e mulheres não deviam sentir, em decorrência disso, mulheres bonitas eram fortemente discriminadas e consideradas “um poço de pecado” para o homem.

Quando a lepra surgiu na Europa a partir do século VII e foi configurado como um caos sanitário, a culpa caiu em cima dos pecadores, principalmente dos pecados relacionados à luxúria com a questão sexual, como observa Regina Navarro: “Essa doença é vista como produto do pecado, e do pior deles: o pecado sexual. O leproso desagradara Deus e seu pecado purgava através dos poros. A mancha da fornicção cometida pela carne aparece na superfície do corpo, no qual é refletida a podridão de sua alma.”(NAVARRO, 2012, 182)

As doenças que surgiam na época serviam sempre como simbolização de uma mensagem divina, algum pecado a ser punido. De acordo com Regina Navarro: “Todos acreditavam que os leprosos eram devorados pelo ardor sexual, e que buscavam libertar sua alma e seu corpo de suas imundícies, ou seja, da luxúria. Era freqüente também se considerar que haviam sido gerados por seus pais em períodos em que o sexo é proibido aos cônjuges..” (NAVARRO, 2012, 182)

No surgimento da Idade Média tudo que se atribuía ao corpo, ao desejo e a questão sexual foi fortemente censurada e penalizada, o que antes na Antiguidade era aceito, na época medieval virou personificação do diabo. Um exemplo é a dita masturbação que de acordo com Regina Navarro: “... a masturbação era uma forma aceita de se obter prazer, embora os greco-romanos a desestimulassem até a idade de 21 anos. Em outros

lugares ela adquiriu significado religioso. Os antigos egípcios acreditavam que a criação do universo havia ocorrido por meio de um ato de masturbação do deus Atum, que teve por parceria divina a própria mão.” (NAVARRO, 2012, 186)

Porém com chegada do cristianismo, a história tomou outro rumo, como observa Regina Navarro:

A condenação bíblica à masturbação perdurou por milênios, chegando ao ponto de, na Inquisição, o acusado ser considerado herege, podendo ser sentenciado à morte na fogueira. No Confessional de Jean Gerson (século XV), sugeria-se que os confessos insistissem no assunto: “apalpas ou esfregas o teu membro como as crianças tem o hábito de fazer?” e “durante uma, meia hora, ou até que o membro não esteja mais em ereção?”. A masturbação feminina era punida com quarenta dias de jejum durante um ano ou mais.”(NAVARRO, 2012, 186)

Com a questão da homossexualidade, que antes era valorizada entre os gregos e até mesmo tolerada pelos romanos, foi totalmente repudiada pelo cristianismo. Como fala Regina Navarro:

“ Penitências já não eram julgadas satisfatórias: em 1260, a França iniciou a perseguição ao estabelecer a pena de amputação dos testículos na primeira ofensa, do pênis na segunda e da morte na fogueira em caso de terceira reincidência. (...) O homossexual foi transformado em um perigo para a Igreja, um vivo repúdio à moralidade cristã. No início do século IV, o batismo e a instrução na fé eram recusados ao homossexual até que ele houvesse renunciado a seus hábitos ‘malignos’.”(NAVARRO, 2012, 186-187)

Com toda essa ideologia da culpa e do pecado, as pessoas viviam em um estado de medo e com vergonha da relação sexual, em decorrência disso começou a se praticar a autoflagelação, as penitências, ou seja, a valorização do sofrimento voluntário como um sinal de virtude e devoção a Deus. Como diz Regina Navarro: “ Os piedosos leigos podem se submeter a mortificações corporais comparáveis àquelas que se infligem os ascetas: o uso do cilício, a flagelação, a vigília, dormir diretamente no chão ...” (NAVARRO, 2012, 188)

#### 1.4 O Prenúncio do Renascimento : O humanismo

A partir do século XVI, houve uma profunda modificação na Europa. As cidades expandiram-se, não estando mais confinadas dentro de suas muralhas medievais. O comércio e a indústria se desenvolveram; os príncipes tornaram-se parceiros de banqueiros e de mercadores, que lhe financiavam as guerras. A pólvora tornou obsoletas as muralhas dos castelos. A invenção da imprensa, por Gutenberg, facilitou a reprodução das obras em maior quantidade e com maior rapidez; a expansão marítima contribuiu para o alargamento dos horizontes geográficos e culturais; a invenção do telescópio e a comprovação, por Galileu, da teoria de que o Sol – e não a Terra – é o centro do Universo levou ao conhecimento mais objetivo do homem e seu meio. (NAVARRO, 2012, 257)

Como podemos analisar no texto da autora Regina Navarro foram tempos de intensas transformações que eclodiu no período da Renascença, palavra que significa nascer de novo ou ressurgir.

Foi iniciado na Itália, pois esta possuía maiores contatos com culturas e outras civilizações devido ao Mar Mediterrâneo. *Gombrich* analisa a visão dos italianos da época:

Segundo o ponto de vista dos italianos do século XIV, a arte, a ciência e a erudição haviam florescido no período clássico, foram destruídos quase por completo pelos bárbaros do norte e cabia à Itália, agora, ajudar a reviver o passado glorioso e, assim, dar à luz uma nova era.

Não havia cidade em que tais sentimentos de confiança e esperança fossem mais intensos que a próspera cidade mercantil de Florença, terra natal de Dante e de Giotto. Foi lá, nas primeiras décadas do século XV, que um grupo de artistas se propôs deliberadamente a criar uma nova arte e romper com as idéias do passado. (GOMBRICH, 2006, 168)

Com esse ímpeto de mudança, surgiu o pensamento humanista, que buscava a valorização do homem no aqui e agora em um mundo mais palpável que ele tivesse a capacidade de um controlo maior sobre o seu próprio destino. Como *Nicolai Sevcenko*

analisa: “(...) A postura humanista era completamente diferente, valorizava o que de divino havia em cada homem, induzindo-o a expandir suas forças, a criar e a produzir, agindo sobre o mundo para transformá-lo de acordo com sua vontade e seu interesse. ” (SEVCENKO, apud, Navarro, 2012, 257)

Impulsionados por essa força criadora, o anseio por mais liberdade e independência se reverbera principalmente nos teores artísticos, ocorrendo uma grande transformação no que diz respeito a arte, como observa *George Duby*:

(...) uma sociedade abalada pela expansão da economia de mercado, pela expansão dos limites do mundo, pela descoberta das singularidades da natureza, e em especial às expectativas daqueles que, ao descobrirem a precariedade da vida, se lançavam aos prazeres que o poder e a riqueza proporcionam. A tendência ao realismo que por todo o século se afirma na obra dos pintores e dos escultores, e o esforço para fornecer uma representação mais exata das coisas vistas não deixam de ter relação com essa vontade mais ou menos consciente de extrair do campo do sagrado um espaço de liberdade e delimitá-lo com muita clareza. (DUBY, 2002, 104, 105)

Desta forma vão aparecendo cada vez mais artistas e o “boom” cultural é extremo nessa época, a cultura da Antiguidade Clássica é resgatada, no entanto tudo de referencia medieval é excluído com radicalismo. Regina Navarro aponta os novos artistas que aparecem nessa fase:

“ Surgem brilhantes criadores e uma nova fase da história da arte ocidental. Michelangelo, Rafael, El Greco, Brunelleschi e Leonardo da Vinci, personagem-síntese do Renascimento pintor, escultor, filósofo, engenheiro e inventor. Na literatura, Shakespeare, Camões, Rabelais e Cervantes, com Dom Quixote, sátira expressa encerrando definitivamente a época medieval.” (NAVARRO, 2012, 258)

Ainda na literatura, *Giovanni Boccaccio* aparece como iniciador da moderna prosa de ficção no Renascimento, como confirma Carlos Berriel: “Giovanni Boccaccio, que formou ao lado de Dante Alighieri e Francesco Petrarca, o maior terceto da literatura italiana. Durante o período chamado Trecento florentino (o século XIV literário), esse grupo tão reduzido numericamente colocou a literatura italiana numa posição dominante

sobre todas as demais, e criou as letras modernas. Mais ainda, ele criou as bases intelectuais do mundo moderno.”(BOCCACCIO, apud.BERRIEL, 2013, 9)

É principalmente na obra *Decameron* que fica mais evidente essa transformação literária e essa transformação temporal, sendo contada de maneira diferenciada e assuntos que ultrapassavam a mentalidade da época medieval, como analisa Carlos Berriel:

Além disso, as situações narradas passam a contar com uma norma de comportamento não mais fixo como antes, mas problemático como os novos tempos. Anteriormente unidimensionais, as personagens passaram a ser pluridimensionais. Se antes as ações eram apresentadas como típicas, agora passaram a ser representadas como caso único, fixado com precisão quanto ao tempo e ao lugar. Se as situações antes apareciam como determinadas por uma fatalidade transcendente, em que os homens sucumbiam aos desígnios divinos, surge agora a afirmação da autonomia do homem como autor de si mesmo. Há a aceitação da vida como sujeita ao acaso repentino, à circunstância inesperada, e não como algo cujo o fim já está predeterminado por uma lógica eterna e imutável. (BOCCACCIO, apud. BERRIEL 2013,17)

## Segundo Capítulo *Giovanni Boccaccio* – “O príncipe do humanismo”

### 2.1 *Giovanni Boccaccio*: Um breve percurso biográfico

*Giovanni Boccaccio* nascera no ano de 1313 em *Certaldo*, pequena cidade de Toscana próxima a Florença. *Boccaccio* foi concebido fora do matrimônio, seu pai se chamava *Boccaccio diChellino*, um grande mercador, no entanto a identidade de sua mãe é desconhecida.

*Boccaccio diChellino*, seu pai, após casar em 1319 com uma parenta da família *Portinari*, assumiu oficialmente o filho e o levou para casa. *Giovanni* nunca se relacionou muito bem com o seu pai, pois era contrário as suas atitudes mesquinhas, próprias de mercadores.

*Boccaccio* desde pequeno, indicava uma inteligência e uma sensibilidade notável, o que o afastara bastante da vida de comércio de seu pai, como observa Éverton *Florenzano*: “Antes de completos sete anos, o menino talentoso aprendeu Gramática, Latim e Aritmética, sendo-lhe intenção do pai fazê-lo mercador, como mesmo o era; porém *Giovanni* detestava essa vocação e preferia-lhe o estudo das belas-letras e conhecimentos em geral.” (FLORENZANO, 1971, 7)

Mais tarde, quando *Giovanni* completa 12 anos, seu pai o envia para Nápoles no intuito de fazer seu filho conhecer um pouco mais sobre o comércio, pois lá existia uma grande praça bancária e mercantil e com isso *Boccaccio* desperdiça seis anos de sua vida na tentativa de servir ao dinheiro. No entanto nem tudo foi desperdiçado, pois ele começa a freqüentar A corte de Nápoles, nessa época umas das mais brilhantes de toda Europa, como afirma Carlos Berriel:

Nápoles era a síntese do mundo mediterrâneo, e sua corte, onde reinava a dinastia d’Anjou, um ponto de encontro único da alta civilização ítalo-francesa com a cultura árabe e bizantina. *Giovanni* estava favorecido pela fortuna, pois nesse ambiente encontrou tudo de mais favorável às suas inclinações espirituais, e uma experiência humana e social sensível à herança cultural da Antiguidade Greco-latina. (BERRIEL, 2013, 10)

Foi em Nápoles também que encontrara uma dama que o fez se apaixonar perdidamente, ficando imortalizada sob o nome fictício de *Fiammetta*, uma de suas

grandes personagens, como afirma Florenzano: “Em 1336, na igreja de São Lourenço, em Nápoles, conheceu Maria d’Aquino, jovem casada e filha natural do rei Roberto, pela qual se apaixonou, com as mesmas chamas que, pela Beatriz, consumiram Dante. Essa inspiradora, que aliás correspondeu a seu afeto figura como a astuta e inteligente ‘*Fiammetta*’, do ‘*Decameron*’ e outras suas obras” ( FLORENZANO, 1971, 8)

Contudo o romance não perdurou por muito tempo, sua amada rompe com ele, deixando-o completamente abalado e angustiado. Berrielfala sobre o rompimento:

A razão não é bem conhecida: ela talvez tenha cedido a dissolução dos costumes e da moral daquele momento, ou, ao contrário tenha sido obrigada a uma atitude mais decorosa com o jovem poeta. De qualquer forma Fiammetta estará sempre nas obras e no espírito de Boccaccio, inclusive na forma de uma reconhecida influência literária dos seus dois grandes mestres, todos florentinos, Dante e Petrarca. (BERRIEL, 2013, 12)

Apesar de *Boccaccio* ter se afeiçoado bastante pela cidade de Nápoles, ele foi forçado a voltar para a Florença em 1340 quando seu pai é pego por uma crise financeira, apesar de *Boccaccio* não ter ficado nada entusiasmado com a volta a terra natal, ele continua lá mesmo, sua trajetória literária: “ compondo emvolgare, isto é, na rica linguagem do povo que Dante empregara na *Divina Comédia*, obras como *Ninfale d’Ameto* ou *CommediadelleNinfe fiorentine* (1342), *Elegia di Madonna Fiammetta* (1344), *Amorosa Visione*, *Ninfale Fiesolano* (1346) e *CommediadelleNinfe*.” ( BERRIEL, 2013, 13)

Em 1347 faz o seu primeiro retorno a Nápoles, no entanto a recepção na cidade não é como antes e ele não consegue encontrar novamente “*Fiammetta*”. Quando volta novamente para Florença em 1348 se depara com a trágica peste negra e dá início ao que foi chamado por muito como “fim dos tempos”. Berriel comenta: “Muitos dos parentes e amigos de Boccaccio são colhidos pela doença, entre os quais, o seu pai. Boccaccio será o mais importante cronista da terrível pestilência, descrita de forma contundente justamente nas páginas do *Decameron*.” (BERRIEL, 2013, 13)

“No verão de 1374 morreu-lhe o caro amigo, Petrarca, o que a Boccaccio foi um golpe muito rude, e, a 21 de dezembro de 1375, ele próprio morria, após longos sofrimentos, inundando-se na igreja de São Tiago e Filipe, em Certaldo. Bem longo tempo depois, seus ossos respeitáveis foram, de mãos vândalas, profanados.”(FLORENZANO, 1971, 10)

## 2.2 *Decameron*

... Grassava em Florença a terrível peste em 1348 que dizimou grande parte da população da Europa. Boccaccio imaginou que dez jovens – sete senhoras e três homens -, fugidos não só ao perigo do contágio mas também à desordem e tristeza da cidade assolada, vão instalar-se numa casa de campo dos arredores. E ali, com aquela graça e vagar dos tempos cortesês, com aquele gosto do convívio, da eloqüência, do requinte de viver – que são para nós, gente do século XX, uma lição há muito desaprendida -, constroem, com os seus próprios recursos, uma pequena corte, onde cada dia um é eleito rei ou rainha; onde a poesia, a dança, o canto preenchem as horas, e onde, durante dez dias, todos os refugiados têm o encargo de contar, obedecendo o tema fixado pelo <<rei>> para esse dia, uma história destinada a distrair o grupo. São, pois, dez contos em cada um dos dez dias, ao todo cem histórias variadas: espirituosas, irreverentes, sentimentais, romanescas, picantes, trágicas, galantes, grosseiras, cortesês ...”(DE LEMOS, 1971, 9,10)

O grupo de jovens se encontra na Igreja Maria Novella, em Florença, antes de se refugiarem juntos, são jovens de boa condição econômica e bem educados. Existe uma corrente de pessoas que acreditam que esse encontro de três mulheres e sete rapazes não foi ao acaso e que a numerologia explica : “é largamente aceito que, as sete moças representam as Quatro Virtudes Cardinais (Prudência, Justiça, Fortaleza, Temperança) e mais as Três Virtudes Teológicas (Fé, Esperança e Caridade). E, todavia, é suposto que os três homens representam a Divisão da Alma em Três Partes (Razão, Ira e Luxúria) conforme a tradição helênica (dos gregos).” (MIRO, <http://coisas-1.blogspot.com.br/2009/07/decameron.html>)

“*Decamerone* é uma palavra que tem origem no grego: *deca* = dez, e *emerai* = dias. Há nele também uma referência ao *Heptameron*, obra de Santo Ambrósio que conta a criação do mundo em sete dias. Assim como a *Divina Comédia* é composta por cem cantos, o *Decameron* possui cem novelas, unidas por um sistema de molduras literárias e escritas em dialeto toscano.” (BERRIEL, 2013,15)

A obra *Decameron* é impulsionada pela pior pandemia daqueles tempos, a peste negra, e como dito no primeiro capítulo, essa peste desestabilizou toda aquela sociedade medieval, deixou tudo indefinido e com incertezas constantes, e é justamente dentro desse caos que *Boccaccio* faz a sua obra, porém de maneira única e não óbvia como podemos observar no fragmento:

Sem se perder e sem chorar pelo velho mundo perdido, junto com sua alegre brigada, Boccaccio foge metafóricamente da peste e da morte do medievo. A sua existência se configura como mais um exemplo para ajudar a derrubar a crença de que a Idade Média foi a “idade das trevas”. Não podemos esquecer que, justamente nesses períodos de maiores crises, o homem aprendeu a compreender e se organizar diante das tragédias. Assim, conservar um olhar pessimista sobre o período é negar a possibilidade de uma outra história: a história do desejo de sobreviver e as tentativas diárias de superar os infortúnios, que por muito tempo não foram notadas pelos historiadores pouco críticos para com seus documentos. É o caso de Boccaccio: diante da morte negra, escreveu e apresentou através do riso uma tentativa de superar e vencer a realidade. (SIMONI, 2007, 39)

*Giovanni* apropria-se do cotidiano italiano e conta de forma inovadora e intimista, remexendo as bases daquela sociedade em decadência, retirando o visto como sagrado do seu mais alto posto e valorizando as qualidades e os defeitos humanos, claro que esse ímpeto e quebra de paradigmas desencadeou conseqüências: “Boccaccio não podia ter deixado de ser considerado, em épocas de mais rígida moral, como autor licencioso e desaconselhável.” (DE LEMOS, 1971, 10)

Um dos principais motivos para o adjetivo “licencioso”, é o teor sexual explorado em algumas de suas novelas, *Boccaccio* trata os desejos carnais com extrema naturalidade e os adultérios que na maior parte das vezes originam-se das mulheres, gênero que na época era totalmente desvalorizado e sem opinião, e dentro da obra *boccacciana* as mulheres mostram mais sagacidade que o gênero masculino, quebrando tabus muito fortes da época, principalmente vindos da igreja, que execrava qualquer tipo de ímpeto sexual sem ter a exclusiva finalidade da procriação. Como o fragmento a seguir analisa:

Um aspecto do *Decameron* para o qual ele sempre foi criticado é a sua explicitação sexual e até mesmo de licenciosidade. Há muitas referências a sexo extra-conjugal, e, de fato, o adultério é visto às vezes como a

recompensa merecida para astúcia e ousadia. Petrarca no início se opôs ao texto, dizendo Boccaccio que era um abuso de seu talento para tê-la escrito, e o texto foi condenado pela própria Igreja.<sup>2</sup> Boccaccio refere-se a crítica ao trabalho (que ele se dirigiu às mulheres) no epílogo, no qual ele defende a coleção por diversos motivos. Ele diz, por exemplo, que qualquer história contada com decoro é digno de ser dito, e ele ainda afirma que a interpretação e até mesmo utilidade do material escrito descansa com o público, de modo que aqueles que interpretam mal o seu significado são eles próprios culpados. Talvez mais interessante, ele diz que precisa ter para a literatura o mesmo tipo de liberdade expressiva concedido às artes visuais (REALE, 2005,6)<sup>1</sup>

“Por fim, é preciso destacar que o Decameron constitui-se numa grande pintura da sociedade italiana, e particularmente florentina, do século. XIV. Na obra, é significativa a constatação de que a humanidade se destaca cada vez mais da idéia do além e é orientada a valorizar a vida terrena e a obra do homem, para a qual reivindica a autonomia de toda interferência de natureza celeste.” (SIMONI, 2007, 36)

Por esse olhar diferenciado, que fugia até então do padrão comum da época, *Boccaccio* foi considerado o precursor do Humanismo, foi considerado uma das primeiras manifestações daquele movimento e que atravessou os séculos. *Decameron* foi um marco na história e na literatura.

---

<sup>1</sup>One aspect of the Decameron for which it has always been criticized is its sexual explicitness and even license. There are many references to extra-marital sex, and, indeed, adultery is sometimes seen as the deserved reward for cunning and daring. Petrarch early on objected to the text, telling Boccaccio that it was an abuse of his talent to have written it, and the text was condemned by the Church.<sup>2</sup> Boccaccio himself refers to criticism of the work (which he addressed to women) in the epilogue, in which he defends the collection on various grounds. He says, for example, that any story told decorously is worthy of being told, and he further states that interpretation and even usefulness of written material rests with the audience, so those who misinterpret his meaning are themselves culpable. Perhaps more interesting, he claims for literature the same kind of expressive freedom granted to the visual arts. (REALE, 2005,6)

### 2.3 A Estrutura da sua Escrituração

*Boccaccio* ao escrever *Decameron*, utilizou-se de uma disposição narrativa muito rica, onde podemos observar os mais diversos temas. “O conjunto aparece como um grandioso afresco, no qual há lugar para os personagens das extrações sociais mais variadas, num quadro geográfico muito largo, para os acontecimentos trágicos e para a comédia, e tudo através dos mais diferentes registros estilísticos.”(BERRIEL, 2013, 17)

A obra é considerada realista devido a falta de finalidades morais, fazendo uma ruptura com a narrativa do *exemplum*, tradicional da época. “E os personagens surgem-nos diante com realidade e vida, fotografando esplêndidamente a sociedade medieval e seus costumes cada narrativa num estilo tal, e maneira, com ninguém depois igualou nunca, nem há de jamais pensar em superá-lo.” (FLORENZANO, 1971, 8,10)

Como Berriel analisa também:

A estrutura do *Decameron* mostra, em suma, uma coerência, uma sutileza, uma rede de equilíbrios surpreendente. Por todos esses elementos, o *Decameron* se desliga da tradição medieval, mesmo se o uso de “molduras” em torno das novelas possa ser encontrada também nas culturas mais diversas, bastando lembrar-se de idêntico enquadramento em *As mil e uma noites*, em que muitas histórias estão condicionadas por uma mesma premissa - a necessidade de afastar a morte. (BERRIEL, 2013, 18)

Para explorar essa variedade de temas, *Boccaccio* criou uma dinâmica para a narrativa das histórias, no qual seriam dez pessoas, sete mulheres e três homens, e a cada dia um seria eleito rei ou rainha e este poderia escolher o tema do dia, com o tema escolhido, cada um deveria contar uma história a partir dele, com isso foram criadas cem histórias, com temáticas diversas. Como a tabela explícita:

A RELAÇÃO ENTRE AS JORNADAS E O TEMA NARRATIVO		
Jornada	Regente	Tema
1ª	Pampineia	Tema livre
2ª	Filomena	Trata daqueles que, apesar de atribulados por diferentes coisas, chegam a um final feliz, contrariando todas as expectativas.
3ª	Neffile	Trata de quem com engenho conquistou alguma coisa muito desejada ou recuperou algo perdido.
4ª	Filóstrato	Trata sobre aqueles cujos amores tiveram fim infeliz.
5ª	Fiammetta	Trata de algo feliz que tenha acontecido a algum amante, depois de vicissitudes tristes e cruéis.
6ª	Elissa	Trata de alguém que, tendo sido provocado, defendeu-se com palavras espirituosas ou escapou de perdas, perigos ou vexames valendo-se de pronta resposta ou de muito engenho.
7ª	Dioneu	Trata do modo como, por amor ou para salvar-se, as mulheres burlaram seus maridos, tendo eles percebido ou não.
8ª	Lauretta	Trata das burlas praticadas todos os dias por mulheres contra homens, por homens contra mulheres, ou por um homem contra outro.
9ª	Emília	Cada um fala daquilo que mais lhe agrada, da maneira que bem quiser.
10ª	Pânfilo	Trata sobre alguém que tenha obrado de modo generoso ou mesmo magnífico em torno dos fatos do amor ou de outros.

“Cada relato é concluído com uma balada. A língua se aproxima ao florentino vulgar, segundo as intenções do autor, que recorre também a latinismo, provincianismo e neologismos.” (SIMONI, 2007, 34)

#### 2.4 As Novelas

Para análise das novelas, será utilizada como base as novelas citadas no filme *Decameron* de *Pier Paolo Pasolini*, citado no terceiro capítulo. A primeira novela a ser explorada encontra-se no terceiro dia de narrativa e foi a primeira a ser contada por Filostrato. “*Masetto de Lamporecchio se faz de mudo e torna-se hortelão de um convento de mulheres, e estas competem para dormir com ele.*” (BENEDETTI, 2013, 169)

Nessa trama, pode-se observar que os desejos humanos, principalmente sexuais estão vigentes em todos, e atravessam a posição social que você ocupa, no caso as freiras que são condicionadas a só amar à Deus. Com a presença de um homem, sentem a mesma atração de mulheres que não escolheram a castidade e devoção a Deus, deixando claro que os impulsos e desejos humanos não são condicionados a regras religiosas.

A segunda novela é narrada no sétimo dia e foi a terceira novela a ser contada por Elisa, a história tem como enredo:

Em Siena, o jovem Rinaldo enamora-se da vizinha Agnes. Faz-se compadre de seu marido e confessa-lhe o amor, sem maiores sucessos. Tornando-se frade e, como estes todos, afeitos aos prazeres mundanos. Voltou, assim, a assediar a comadre. E, comparando-se ao pai do afilhado, diz-lhe que, "sendo menos pai" posto que padrinho, também haveria de deitar-se com ela. Amaram-se por diversas vezes até que, numa delas, chega o marido. A mulher, espertamente, abre a porta, enquanto veste-se o frade pelado, dizendo ao marido que este viera para salvar da morte o filhinho de ambos, demorando-se nas explicações. Ao cabo de vestir-se, tomou a criança e assim safaram-se todos, santarrões, orando o pai-nosso:(WIKIPÉDIA, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura\\_do\\_Decamer%C3%A3o#Fil.C3.B3strato\\_3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura_do_Decamer%C3%A3o#Fil.C3.B3strato_3))

No caso desta trama, é possível analisar, como o homem usa de uma posição social religiosa, que no caso serviria para melhor adorar a Deus, para os seus próprios interesses carniais. Fica evidente a sátira com as atitudes da Igreja católica da época e o comportamento dos que serviam a ela.

A terceira novela a ser citada é narrada no sexto dia e, foi a quinta novela a ser contada, nesse dia por Panfilo. ‘*MesserForese da Rabatta e mestre Giotto, pintor, vindo de Magelloespiacam a má aparência um do outro.*’ (BENEDETTI, 2013, 364)

O enredo desta novela é o confronto entre a aparência e o talento, quando o pintor *Giotto*, considerado um dos melhores pintores da época, tem um aspecto físico que pouco se assemelha com suas obras de arte, pois era considerado feio, e que poderia por muitos a primeira vista olhar a ele e duvidar de sua capacidade. De uma forma simples, a mensagem da trama é passada, e nos dias de hoje ganha ainda mais peso, no qual é a valorização da aparência física é valorizada em detrimento do talento e inteligência do homem.

A quarta novela do filme a ser citada é narrada no quinto dia e é a quarta novela a ser contada, desta vez por Filostrato. ‘*Ricciardo Manardi é encontrado por messer Lizio da Valbona com sua filha, casa-se com ela e faz as pazes com o pai.*’(BENEDETTI, 2013, 315)

Essa novela trata-se de uma história de amor com o desfecho feliz, no qual as circunstâncias ajudam o casal a permanecerem juntos, no caso o motivo principal para o pai da moça aceitar o romance e exigir o casamento, seria o fato de o rapaz ser nobre e rico, sendo assim o casamento seria um bom negócio para a família. De uma forma perspicaz a trama mostra que apesar do final feliz para o jovem casal, nada vem de graça e que a avareza está por trás de gestos aparentemente bons.

A quinta novela do filme acontece no quarto dia e é a quinta novela a ser contada, neste dia por Filomena. ‘*Os irmãos de Elisabetta matam o amante dela; ele lhe aparece em sonho e indica onde está enterrado. Às escondidas, ela desenterra a cabeça e a põe num vaso de manjeriço; e sobre ele chora todos os dias durante muito tempo; os irmãos tiram o vaso dela, e ela morre de dor pouco depois.*’ (BENEDETTI, 2013, 266)

Ao contrário da novela citada acima, essa trama corresponde a uma história de amor com o final infeliz, *Elisabetta* é privada de seu amor pelos seus irmãos que a consideram seus donos e, também por ela ter se apaixonado por um empregado, ou seja, sua paixão era considerado inferior a eles. Mais uma vez o amor se mistura com a questão do poder.

A sexta novela do filme a ser citada acontece no nono dia e é a última novela a ser contada nesse dia, e é *Dionéio* que finaliza a narração. A história se desenrola : ‘‘Por instância do compadre Pedro, Donno Gianni realiza o feitiço destinado a transmudar sua esposa em égua; quando está a ponto de aplicar a cauda, o compadre Pedro, afirmando que não deseja a cauda, arruina o efeito de todo o feitiço.’’ (WILKPÉDIA, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura\\_do\\_Decamer%C3%A3o#Fil.C3.B3strato\\_3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura_do_Decamer%C3%A3o#Fil.C3.B3strato_3))

A trama retrata o comportamento do homem, na oportunidade de tirar vantagem de situações, mesmo que estas não sejam moralmente bem vistas, a história contada demonstra a natureza humana, no qual ambas as partes tentam tirar benefício do que lhe é dado. O casal para conseguir uma égua a mais para lhe conceder maior lucro no trabalho e o outro com o benefício carnal que isso poderia lhe proporcionar.

A última novela a ser citada acontece no sétimo dia e é a última novela do dia e também é narrada por *Dionéio*. A história gira em torno de: ‘*Dois seneses amam uma mesma*

*mulher que é comadre de um deles; o compadre morre e volta, segundo promessa feita, para contar ao companheiro como se vive no além.*” (BENEDETTI, 2013, 431)

Nesse enredo novamente entra-se na questão da igreja e o que ela dita ser certo ou errado, impedindo que o homem siga seus desejos carnis com medo de uma punição divina. Na novela isso se desenvolve através de dois amigos, quando um morre e volta para falar como era do ‘outro lado’, ele avisa que não foi punido por ter relações amorosas com a comadre, que lá ninguém liga para comadres, quando o amigo ainda vivo, fica sabendo, vai ao encontro da comadre que ele tanto desejava, aliviado por não ser um pecado e realiza seus desejos.

## 2.5 Personagens

Ao analisar os personagens das novelas citadas acima, pode-se afirmar que *Boccaccio* aprofunda às questões humanas, no desvio da moralidade e esse jogo com o profano, no qual é valorizado o material, no caso a sexualidade, o poder, a tirania, a paixão, são essas as prerrogativas que encaminham o destino dos personagens. Como observa *Esther de Lemos*: “Quase sempre o que se procura sublinhar, através de um enredo imoral ou amoral, é o recorte e o pitoresco dos caracteres, o cômico das situações, o engenho dos logros e enganões, a credulidade estulta de uns e a argúcia endiabrada dos outros, as travessuras e caprichos da lábil Fortuna.” (DE LEMOS, 1971, 11)

As mulheres das novelas de *Boccaccio*, tem um dado de astúcia, esperteza, principalmente para enganar ou conseguirem o que querem, podemos observar essa característica em *Agnes* que engana o marido e dorme as escondidas com o padrinho de seu filho, também na filha de *Messer Lizio* que consegue manipular seus pais para que pudesse dormir no local que encontraria seu amado. *George Minois* analisa o papel da mulher dentro da literatura: “Tomemos o tema da mulher, que é, frequentemente, o personagem principal. Bem que há moças simplórias e algumas esposas rabugentas, mas, quase sempre, é a mulher que desempenha o melhor papel diante de um macho fanfarrão e ingênuo que ela vence por sua astúcia e por seu poder de sedução.” (MINOIS, 2003, 195)

Um outro fator que fica muito evidente nas novelas do autor, é a sexualidade explorada, seus personagens tem desejos carnis que pulsam e estão sempre atrás desse gozo de liberdade. Isso aparece na novela das freirinhas com o *Masetto*, no qual elas o seduzem

no anseio desse gozo libertador, também aparece na novela em que o compadre engana o amigo para tirar proveito sexual da mulher dele. *George Minois* analisa esse tom sexual na literatura: “E nenhuma barreira moral detém o autor, que mistura, de forma deliberada, sexo e sagrado, com evidente intenção provocadora, indo até a blasfêmia.” (MINOIS, 2003, 195)

Não podemos deixar de citar o jogo que *Boccaccio* faz com sagrado e o profano, fazendo de seus personagens pessoas que supostamente deveriam servir a Deus, porém em suas novelas eles demonstram comportamentos duvidosos que normalmente se encaminham para o rumo do pecado. Como acontece com a novela em que o frade usa de sua posição de temente a Deus, como poder para seduzir a mãe de seu afilhado, podemos citar novamente o caso das freirinhas com o *Masetto*, que se entregam ao desejo da carne ao invés de servir a Deus e seus mandamentos. *Minois* fala a respeito: “Outro tema que ilustra os medos e o desejo de liberdade: o clero e a religião. O clérigo é sempre mal retratado: avarento, concubinário, cúpido, aproveitador de situações.” (MINOIS, 2003, 197)

*Mikhail Bakhtin* expõe um pouco sobre a utilização do corpo humano da Idade Média para o Renascimento:

O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente *topográfico*. O “alto” é o céu; o “baixo” é a terra. A terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto *corporal*, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça) baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro (...) Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais.” (BAKHTIN, 2013, 18,19)

Na obra *Decameron* o baixo é amplamente explorado nas características de seus personagens, eles vivem em um estado vivo e orgânico, no qual a moral é vista de maneira abstrata e as suas atitudes acontecem de acordo com seus impulsos e não de acordo com seus preceitos morais e sexuais.

Nesse mundo impiedoso, só há escapatória sendo mais esperto que os outros. A astúcia é o valor supremo, o que permite sobreviver, a despeito da moral cristã, da piedade e da caridade. Homens e mulheres troçam uns dos outros, e o riso surge desse espetáculo constrangedor. (*MINOIS*, 2003, 197)

## Terceiro capítulo *Boccaccio versus Pasolini*

### 3.1 *Pasolini* – Breve biografia

*Pier Paolo Pasolini* nasceu em Bolonha, Itália no dia 5 de março de 1922, filho de Carlos Alberto *Pasolini* que era militar e de *Susanna Colussi*, professora primária, teve um irmão que se chamava *Guidalberto Pasolini* que acabou falecendo em uma emboscada lutando na Segunda Guerra Mundial.

Na sua vida acadêmica, graduou-se em literatura pela universidade de Bologna, antes de ficar famoso como cineasta, havia trabalhado também como professor poeta e novelista. Como analisa Maria Betânia Amoroso: “..ele é quase sempre lembrado como diretor de cinema , embora tenha uma longa ficha de atuação : foi poeta, romancista, tradutor , pintor, jornalista, teatrólogo, editor crítico de arte.” (AMOROSO, 2002, 9)

*Pasolini* tinha inclinações de pensamentos ideológicos que se assemelhavam com o partido comunista, sendo assim ele se filiou ao partido, no entanto não durou muito tempo, pois foi expulso quando sua homossexualidade foi exposta.

A passagem de *Pasolini* da literatura para o cinema foi um pouco conturbada, pois de início considerava o cinema como uma descrença na língua italiana e, em decorrência disso na sociedade italiana, que utilizava aquela língua, porém ao final chegou a conclusão o cinema era um novo signo, um novo tipo de linguagem que acabara o estimulando ainda mais. Como o próprio comenta:

Para dizer a verdade, havia muito tempo pensava em fazer um filme. Uma idéia com raízes muito antigas (...). E devo confessar, à distancia de tantos anos, que os filmes de Chaplin, de Dreyer, de Eisenstein tiveram mais influencia sobre o meu gosto e meu estilo que o aprendizado literário da mesma época, vindo logo após, é claro, das leituras épicas de um adolescente, Shakeaspeare e Dostoiévki. (PASOLINI, apud, AMOROSO, 2002, 28)

Na maioria de seus filmes, pode-se observar a sua visão daquela sociedade italiana, principalmente, que vinha se modificando e se tornando cada vez mais uma “sociedade de consumo”, o boom econômico italiano havia originado uma transformação antropológica no subproletariado. Como *Pasolini* comenta: “Detesto tudo o que é relativo ao “consumo”, eu o abomino no sentido físico do termo (...). A antipatia que sinto em meu foro íntimo é tão insuportável que não consigo fixar os olhos por mais que alguns instantes numa tela de televisão, É um fato físico, me dá náusea, Aliás, toda a cultura de consumo me é intolerável, sem apelação.”(PASOLINI, apud, AMOROSO, 2002, 78,81)

Com isso *Pasolini* usava seus filmes como uma crítica ao governo italiano, do qual era fortemente ligado a igreja católica que promovia a alienação e hábitos conservadores, ou seja, era uma visão crítica e pessimista da sociedade e cenas que permeavam entre sagrado e o profano. Maria Betânia Amoroso analisa: “Pasolini busca o universo da moral e da metafísica. O diretor usava a expressão “sacralidade técnica” para falar de seu modo pessoal de realizar filmes. ” (AMOROSO, 2002, 32,33)

*Pasolini* conhecido por sua personalidade irrefutável e polêmica sempre fez questão de expor suas opiniões e seu desprezo a aqueles novos tempos que vinham chegando, como o fragmento explícita:

Pasolini chega a falar de mutação antropológica ao tentar definir as transformações radicais que, ao longo dos anos, ele vem observando nos corpos, na linguagem, nas formas de expressão dos italianos. Ou então, investigando bem de perto a liberdade sexual, proclamada naqueles anos como emblema de processo civilizatório , o que Pasolini vê é uma falsa tolerância que, na verdade, pensa o mundo nos moldes da segmentação mercadológica : o jovem, o casal, o homossexual são exemplos de consumidores. (AMOROSO, 2002, 103)

Porém *Pasolini* teve sua vida interrompida aos 53 anos, vítima de um assassinato brutal que aconteceu entre a madrugada do dia 1 e 2 de novembro de 1975, tendo sido agredido por uma barra de ferro e depois atropelado com o seu próprio carro em uma praia de *Óstia*. O homicídio foi realizado pelo garoto de programa *Giuseppe ‘Pino’*, ele foi condenado em 1976, no entanto a rumores que o menino não tenha sido o verdadeiro autor, Maria Betânia Amoroso fala a respeito:

... teve uma morte trágica, brutalmente assassinado, numa espécie de campinho de futebol da periferia, em Roma: rosto desfigurado, ossos quebrados pelos pneus de seu carro. Nunca houve concordância sobre o veredicto que condenou Pino Pelosi, na época com dezessete anos, a nove anos e meio de prisão. Parece inverossímil que um jovem como Pelosi fosse capaz de tanto estrago, já que Pasolini era esportista, com músculos fortes, físico sempre em forma. Pensou-se em complô: forças políticas teriam dado ordem de execução. (AMOROSO, 2002, 109,110)

### 3.2A Trilogia da Vida: O Decameron, Os Contos da Cantuária, As Flores das Mil e Uma Noites

(...) são filmes bem fáceis, e eu os fiz para opor ao presente consumista um passado recentíssimo em que o corpo humano e as relações humanas eram ainda reais – arcaicas, pré-históricas, rústicas, mas reais – e opunham a essa realidade à irreabilidade da civilização consumista. (PASOLINI, apud, AMOROSO, 2002, 99)

Nesse fragmento *Pasolini* já explicita o que essa trilogia têm a nos oferecer, ele usa de uma poética visual, a liberdade de encenação e o sentido dos planos para enaltecer o homem e suas características mais humanas, instintivas e primordiais, isso acontece através da celebração positiva do corpo e das pequenas cobiças e seu aprazimento imediato. Como Fernando Oriente observa: ‘Essa desafetação das cenas esconde um aprimorado trabalho de encenação que mergulha no registro da sensualidade, do prazer e do descompromisso moral das ações. Como Pasolini sabe que a moral é abstrata e subjetiva, faz com que as atitudes de seus personagens sejam comandadas por impulsos, sem amarras conservadoras ou respeito a códigos de conduta castradores.’ (ORIENTE, <http://zonacurva.com.br/pasolini-detona-o-moralismo-em-contos-de-canterbury/>)

*Pasolini* resgata aqueles desejos brutos do homem que fora deixado de lado por uma conduta moral imposta, ele faz um confronto entre o impulso e os instintos básicos com os códigos e regras de repressão.

Na obra *Decameron*, de *Giovanni Boccaccio*, o primeiro longa da trilogia, *Todorov* analisa:

Decameron de Boccaccio é uma novela constituída de mais de cem contos sobre delitos, baseados no folclore de várias países, onde predominam os de natureza sexual, como atos proibidos: adultério, relações antes do casamento, relações envolvendo padres e monjas. São delitos que “correspondem aos pecados canônicos da época: o orgulho, a fraqueza, a inveja, a libertinagem, a patifaria, a avareza, a avidez, a falta de respeito da mulher em relação ao marido ou a seu pretendente, de um homem em relação à mulher. (TODOROV, 1982, 35)

Com todas essas características e uma narrativa recheada de poética, contos populares e autenticidade, foi de extrema importância para *Pasolini* poder expressar o que queria, resgatando a sensualidade, o prazer e o descompromisso moral das ações, o sexo e o gozo são um exercício libertário e verdadeiro.

O filme *Decameron* (1970) baseado na obra de *Giovanni Boccaccio* fora o primeiro da Trilogia da Vida, recebeu o Urso de Prata no XXI Festival de Berlin (1971), o filme se distancia do viés trágico e se aproxima de um organismo vivo, cheio de alegria de viver e amar. Andréia Guerini fala a respeito:

Observa-se que na adaptação-recriação Pasoliniana do Decameron existe a tentativa de superação de alguns tabus e da exaltação do jogo sexual: Pasolini transfere a ação do Decameron de Florença para Nápoles e substitui à vitalidade(laica e anticlerical) da nascente burguesia contada por Boccaccio a alegria e a inocência popular de um mundo que não é mais protagonista da História, mas que vive fora da história, em uma espécie de paraíso terrestre sem poder e sem culpa. Além disso, parece existir urna outra tentativa, que é a da universalização da obra de Boccaccio, dando-se, em parte, através da adaptação cinematográfica, porque possibilita que um grande número de pessoas tenham acesso a obras literárias, encorajando o espectador a ler ou, quem sabe, reler, o texto original (GUERINI, 1999, 46,47)

Os “Contos da Cantuária”, segundo filme da trilogia foi baseado nas histórias eróticas de *GeofreyChaucer* autor inglês do século XIV, esse filme é considerado em termos sexuais o mais explícito, predomina durante todo o longa uma mistura de humor e crítica, como observa Roberto Acioli:

Um clima de humor permeia as estórias e culmina na cena do inferno ao final do filme, uma espécie de quadro de Hieronymus Bosch em movimento. Humor e uma crítica ferrenha às distorções produzidas no ceio do cristianismo dominante afloram principalmente quando o anjo pede: “Ei, Satanás, levante o rabo! Mostre onde guarda os monges no inferno”. Então Satanás, de quatro, começa a peidar e ao mesmo tempo expelir monges pelo ânus. Anticlerical sem dúvida nenhuma! (ACIOLI, <http://cinemaitalianorao.blogspot.com.br/2008/01/pier-paolo-pasolini-e-trilogia-da-vida.html>)

“As Flores das Mil e Uma Noites” é considerado o mais onírico, repleto de poesia, sendo o terceiro e último filme da Trilogia. Foi filmado fora da Europa, no Terceiro mundo, lugar que agradava em demasia a *Pasolini*, a locação aconteceu no Irã, Nepal, Etiópia, Índia e República do Yemen.

A história é composta por quinze histórias que giram em torno de um casal que o destino separou, como conta Roberto Acioli: “Um jovem é escolhido por uma bela e espirituosa escrava para ser seu dono. Os dois se apaixonam de imediato, mas logo ela é raptada. A escrava consegue se libertar e foge para o deserto, enquanto seu amado vaga por diversas cidades a sua procura.”

(ACIOLI, <http://cinemaitalianorao.blogspot.com.br/2008/01/pier-paolo-pasolini-e-trilogia-da-vida.html>)

Esse teor sexual e libertário encontra-se presente nos três filmes, todos passados em épocas arcaicas e com personagens fora do padrão do mercado cinematográfico, como os personagens nunca são julgados, suas artimanhas e suas transgressões são vistos com distanciamento conveniente, no qual a busca da felicidade e a realização do desejo dão genuinidade às ações. Como os fragmentos a seguir afirmam:

O corpo que sai de *As Mil e Uma Noites* não tem nada de asséptico. É um corpo negro, mestiço, africano; corpo desdentado, proletário, subdesenvolvido. E belo por causa disso. Se há uma idéia constante em toda a obra de *Pasolini*, é a de que os corpos dos materialmente despossuídos (pobres, subdesenvolvidos) gozam apesar de toda tentativa de constrangimento do controle oficial, e o gozo é o momento em que todo poder de coerção mostra-se inútil, porque não consegue cassar toda a liberdade daqueles a quem ele impinge sua força.

(GARDNIER, <http://www.contracampo.com.br/60/1001noites.htm>)

### E Roberto Aciolicomplementa:

Poderíamos dizer que as pessoas são feias. Na verdade, na maioria dos casos, elas são normais. São como na vida real, onde existem manchas na pele, espinhas, acne, dentes trepados, dentes faltando, cabelos maltratados, seios caídos, defeitos físicos e físicos não malhados ou maquiados. A escrava que protagoniza *As Mil e Uma Noites* é uma mulher negra tão comum como qualquer empregada, menina de rua ou garota de programa da periferia brasileira. Curiosa é a sensação nas cenas de sexo, em princípio imagens desinteressantes porque desprovidas de corpos belos. Na verdade, e isto também explica porque o sexo nos filmes de Pasolini agrega algo mais, como não se segue o padrão Hollywood de beleza (e muitos não conhecem outro), tais cenas seriam um grande incentivo para aquelas pessoas que (normais como nós todos) têm vergonha de investir numa conquista amorosa/sexual por achar que “não têm corpo”. Os filmes de Pasolini nos permitem concluir com certo alívio: isso não é Hollywood! (ACIOLI, <http://cinemaitalianorao.blogspot.com.br/2008/01/pier-paolo-pasolini-e-trilogia-da-vida.html>)

Pasolini foi um homem com uma visão a frente de seu tempo e que sempre expôs suas opiniões para tentar mudar o que lhe incomodava e não poderia ter achado maneira melhor e mais artística de se expressar do que executando seus filmes que expressam toda sua personalidade e irreverência.

Além disso, se Pasolini permitir, uma possível resposta à última frase interrogativa do seu filme — "por que realizar uma obra, se é tão bom sonhá-la?" — seria que o sonho de uma obra está no plano individual, enquanto a realização dela, através da sua concretização filmica, literária, etc., é a possibilidade de torná-la coletiva e de poder compartilhá-la com a diversidade. (GUERINI, 1999, 46, 47)

## Conclusão

A escolha desse tema foi determinada por uma grande vontade de conhecer a fundo uma das grandes obras que atravessou os séculos, *Decameron*, e com isso buscar o contexto histórico que foi escrito, pois assim muitos dos textos lidos ganhariam uma riqueza maior, pois se saberia o porquê dele estar sendo contado e a importância daquele tema.

Além do contexto da obra ter sido um momento importantíssimo para a história, no qual foi marcado com muitas mortes, descrenças, mudanças de hábitos e fim de uma longa era, a época medieval e a precursora de todos esses acontecimentos foi a peste negra. Benedetti fala sobre a peste:

E a peste ganhou maior força porque dos doentes passava aos sãos que com eles conviviam, de modo nada diferente do que faz o fogo com as coisas secas ou engorduradas que lhe estejam muito próximas. E mais ainda avançou o mal: pois não só falar e conviver com os doentes causava a doença nos sãos ou os levava igualmente à morte, como também as roupas ou quaisquer outras coisas que tivessem sido tocadas ou usadas pelos doentes pareciam transmitir a referida enfermidade a quem nos tocasse. (BENEDETTI, 2013, 28)

Analisar o que o caos pode acarretar a uma sociedade foi de extremo valor para o aprofundamento da obra, e faz refletir as características da nova era que se aproximava, o Renascimento, época na qual se recusava tudo que advinha da Idade Média, foi um tempo de ruptura, de quebra do que era considerado correto anteriormente.

Com as mudanças sociais e comportamentais, também vieram as mudanças artísticas e um dos maiores nomes desse tempo, considerado o precursor do Renascimento, foi justamente *Giovanni Boccaccio* com sua obra *Decameron*, que rompia estilisticamente com a literatura da época e se reinventava com uma riqueza literária que muito não se via. Carlos Berriel constata essa mudança: “ Existe, portanto, uma nova finalidade da narrativa, um novo mito humano em cena, próprio de uma sociedade mercantil e dinâmica. Também nova é a complexidade do dispositivo narrativo, rico de acontecimentos secundários, de confluências, de complicações, de relações do protagonista com o ambiente social à sua volta.” (BERRIEL, 2013, 17,18)

As novelas da obra são recheadas dos mais diversos temas e sem um apelo moral, no entanto sempre com uma crítica em suas entrelinhas, o que a faz divertida mas sempre com uma mensagem suspensa no ar.

Vittore Branca, um dos maiores conhecedores do *Decameron*, viu no organismo da obra o esquema medieval da “comédia”, isto é, um percurso ascensional que vai do *vício* dominante da primeira novela à *virtude* dominante da última. Segundo esta interpretação, a própria sucessão de temas nas várias jornadas mostraria a ação das três grandes forças que regem o mundo: a Fortuna (segunda e terceira jornadas), o Amor (quarta e quinta jornadas) e o Engenho ( sexta, sétima e oitava jornada). (BERRIEL, 2013, 18)

Desta forma, não há o que se contestar do talento e perspicácia de *Boccaccio* que com sua grande bagagem de culturas diversas e sua inteligência, nos proporcionou uma obra de valor inigualável, na qual ele consegue registrar toda a riqueza de uma época e de forma inovadora e incomparável. Éverton Florenzano fala um pouco sobre *Boccaccio*:

Giovanni Boccaccio, gênio dos gênios renascentistas, a quem se não pode conhecer sem amar, nem amar sem conhecer: prosador emérito, humanista eruditíssimo e inspiradíssimo poeta; paladino do ideal romântico de todos os tempos, quixotesco e dantesco, shakespereano e camoneano, virgiliano e homérico, superlativa glória das letras itálicas e benfeitor da Humanidade. (FLORENZANO, 1971, 7)

**Referências Bibliográficas**

AMOROSO, Maria Betânia . *Pier Paolo Pasolini* .São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

*BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular Na Idade Média E No Renascimento – trad: Yara Frateschi Vieira - 8ª Ed - São Paulo : Hucitec, 2013.*

*BOCCACCIO, Giovanni,Decameron – trad: Ivone C. Benedetti - 1ª ed – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.*

----- . *Novelas Do Decameron – trad: Esther de Lemos – Lisboa: Editorial Verbo, 1971.*

----- . *Seleções Galantes do Decameron - trad. Éverton Florenzano 2ª ed. – Rio de Janeiro: Livrbrás, 1971.*

*DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente – trad: Maria Lucia Machado– São Paulo – Companhia das Letras, 2009.*

*DUBY, Georges.História Artística da Europa – trad: Mario Dias Correia (edição portuguesa) Adaptação do texto e notas de Rosa Freire D' Aguiar (edição brasileira) - 2ª ed- São Paulo- Editora Paz e Terra, 2002.*

----- . *A Europa na Idade Média – trad: Antonio de Padua Danesi – 1ed. – São Paulo: Editora LTDA, 1988.*

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres* – trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque – 4.ed – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A História da Arte* – trad: Cristiana de Assis Serra.– Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GUERINE, Andreia. *O Decameron e Pasolini: A Interface literatura-cinema* – Anuário de Literatura, 1999.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média* – trad: Augusto Abelaira – São Paulo: Verbo: Ed da Universidade de São Paulo, 1978.

LE GOFF, Jacques. *O Apogeu da Cidade Medieval* - trad.: Antonio de Padua Danesi. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio* – trad: Maria Elena O. Ortiz Assumpção - São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NAVARRO, Regina. *O Livro do Amor Vol.1 : Da Pré-História à Renascença*. –Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

PERNOUD, Régine. *As Origens da Burguesia* – trad: F.S. - Portugal: PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA, 1969.

REALE, Nancy. *Boccaccio's Decameron: A Fictional Effort to Grapple with Chaos*—  
2005

SIMONI, Karine. *De Peste e Literatura: Imagens do Decameron de Giovanni Boccaccio* – Florianópolis: Anuario de Literatura:2007.

TODOROV, Tzvetan. *A Gramática do Decameron*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

#### Referências Eletrônicas

DE OLIVEIRA, Roberto Acioli. *Pier Paolo Pasolini e a Trilogia da Vida*, disponível em : <http://cinemaitalianorao.blogspot.com.br/2008/01/pier-paolo-pasolini-e-trilogia-da-vida.html> , acesso em 11 jan 2016, 10:34

GARDNIER, Ruy. *AS 1001 NOITE*.

Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/60/1001noites.html>, acesso em 11 jan 2016, 10:54

MIRO. *DECAMERON*. disponível em: <http://coisas-1.blogspot.com.br/2009/07/decameron.html>, acesso em 20 jan 2016, 14:23

ORIENTE, Fernando. *Pasolini detona o moralismo em Contos de Canterbury*. disponível em: <http://zonacurva.com.br/pasolini-detona-o-moralismo-em-contos-de-canterbury/>, acesso em 12 jan 2016 15:46

WILKPÉDIA. *Estrutura do Decamerão*. disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura do Decamer%C3%A3o#Fil.C3.B3strato 3](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrutura_do_Decamer%C3%A3o#Fil.C3.B3strato_3) acesso em 20 jan 2016, 13:57